

# Uma Introdução à Psicanálise em Cinco Lições

Leandro de Lajonquière\*

Com o objetivo de pôr em contato os leitores - profissionais da psicopedagogia - não só com algumas temáticas e conceitos inerentes ao campo analítico mas também com o estilo propriamente freudiano de pensá-los, apresentamos à continuação um comentário introdutório às *Cinco Lições de Psicanálise* que Freud ministrou na Clark University em 1909. Mais ainda, e na medida em que as linhas que se seguem só merecem ser lidas junto ao texto objeto de comentário, pode-se afirmar que nosso objetivo é convidar o leitor a debruçar-se sobre os originais. A razão disto é muito simples.

Geralmente costuma-se pensar que a psicanálise é uma teoria do desenvolvimento afetivo e que, enquanto tal, isto é, enquanto explicação mais ou menos vitalista do dito desenvolvimento psicológico, ela é também o resultado de um processo linear e mecânico de produção em função do qual as variadas "linhas analíticas" divergeriam só no acessório ou na ênfase que dão a aspectos diversos da teoria. Não obstante, como ao nosso ver, tanto um como outro pressuposto são totalmente discutíveis à luz da experiência e do pensamento freudiano, propomos se nos acompanhe no propedêutico exercício de uma certa operação de leitura. Essa empresa, claro está, não nos parece, em absoluto gratuita uma vez que, ao nosso juízo, não só está em jogo o que se deve entender por psicanálise mas também, numa outra instância, a natureza das "interações" com outras

áreas do conhecimento e, em particular, a conexão com a (psico)pedagogia - centro de nosso interesse.

O termo inconsciente converteu-se no maior equívoco que atormenta a psicanálise e sua transmissão já que apesar de estar certo de que sem ele a psicanálise desaparece, também não é menos verdadeiro que se o inconsciente é pensado como o negativo psicológico da consciência, como o produto das repressões da civilização moderna ou como a morada dos instintos e ritmos biológicos, o próprio invento freudiano acaba esterilizado. Por outra parte, cabe assinalar que são, precisamente, estas versões psicológicas, culturalistas e biológicas da psicanálise as que, em última instância e através de diferentes rodeios argumentativos, sustentam a crença de que, por um lado, a psicanálise dever ser entendida como uma teoria do desenvolvimento e, por outro, a experiência clínica freudiana situa-se num para além da "função e campo da palavra e da linguagem..." (título do *Discurso de Roma de Lacan*).

Desta forma, a conexão psicanálise-(psico)pedagogia não poderia, mesmo na melhor das hipóteses, se pensar numa outra chave que não seja aquela almejada por Anna Freud.

Por quê na melhor das hipóteses? Lembremos só (pois uma análise-crítica do annafreudismo ultrapassaria os limites do presente) que Anna Freud pretendia fundar uma pedagogia analítica, fruto das contribuições que a psicanálise teria para dar à educação nos três sentidos seguintes: crítica das normas educacionais visando a prevenção da neurose, ampliação do conhecimento que se tem do homem e elaboração de um método terapêutico específico afim de remediar os danos psicológicos que as crianças possam experimentar no curso de sua educação.

\* Psicanalista, Doutor em Educação.

Pelo contrário, infelizmente, sabemos que, em não poucas oportunidades a consabida contribuição nem chega a tanto: ela se reduz a um diagnóstico mais ou menos requintado.

Com efeito, nestes casos, a psicanálise vem obter, com uma soltura e uma simplicidade nem se quer sonhadas pela filha de Freud, uma certa falta de saber (psicopedagógico). Em outras palavras, aí quando os diversos saberes pedagógicos, neurológicos, psicológicos e sociológicos convocados acabam recortando no horizonte um limite intransponível, costuma-se apelar à psicanálise para que, suprindo-os, produza um saber sem falta/falha - paradigma imaginário de toda empresa científica.

Justamente em situações como essas, a psicanálise é convocada na direção contrária que Catherine Millot sintetizara desta forma: "... tudo o que o pedagogo pode aprender da análise e pela análise é saber pôr limites à sua ação - um saber que não corresponde a nenhuma ciência, e sim à arte (1992:154). Direção que, aliás, os trabalhos de Maud Mannoni começaram a trilhar pioneiramente já faz tempo.

Neste sentido, afirmamos que a "contribuição" da psicanálise, tendo em vista o contexto clínico específico, passa, então, por uma certa "modulação da atenção" do profissional ou, em outras palavras, por possibilitar o atravessamento da experiência psicopedagógica por uma escuta psicanalítica visando questionar cada "passo técnico" à luz da transferência que ele mesmo articula. Por sinal, única chance de não cairmos numa mecânica ortopédica de reeducação que afaste toda possibilidade de reabrir e recolocar, permanentemente, a pergunta acerca do destino da criança- enquanto sujeito do desejo inconsciente às voltas da procura de reconhecimento simbólico.

Mas... ficamos por aqui. Prometendo voltar sobre esta questão numa outra oportunidade; eis à continuação as *cinco lições*.

## ■ /

Costuma-se afirmar que o trabalho freudiano operou uma revolução no pensamento ocidental. Mais ainda, que a revolução freudiana não era a primeira, mas a última de uma série de revoltas: a copernicana e a darwiniana. Em certo sentido, nós podemos afirmar que de fato é assim. As três teriam em comum o fato de ter espatifado a imagem narcísica que a humanidade tinha, numa época determinada, de si mesma. Em primeiro lugar, Copérnico

veio nos dizer que a Terra que habitávamos não era o centro do sistema planetário. Em segundo lugar, Darwin disse que nossa existência não obedecia a nenhum plano necessário de nossa mãe natureza mas, muito pelo contrário, que nós eramos aleatoriamente seus filhos. Por sua vez, a reviravolta freudiana completou essas operações de des-centramento ao postular a sobre-determinação inconsciente do agir humano.

Cada uma destas revoluções constituíram-se como tais em oposição a uma tradição paradigmática do pensamento ocidental. No caso particular dos trabalhos freudianos, estes opõem-se à identidade cartesiana *sujeito=cogito=consciência*, tradicional desde o século XVII. Por sinal, é precisamente esta identidade axiomática a que Freud pretende questionar na sua primeira lição nos U.S.A. a partir da caracterização psicanalítica do sintoma histérico.

Nessa espécie de exportação napoleônica dos preceitos revolucionários, Freud relata as origens da psicanálise. Em primeiro lugar, destaca o trabalho de hipnose que Breuer desenvolvera, pela primeira vez, no tratamento de uma moça histérica (1880/82). O trabalho clínico com essa jovem, chamada Anna O., aproximou Freud com seu professor circunstancial - Breuer -, e possibilitou que escrevessem juntos *Estudos sobre a histeria* (1895), mas também abriu, simultânea e paradoxalmente, a brecha para o posterior distanciamento entre ambos. Não obstante este desfecho, Freud não restou mérito algum às observações clínicas de Breuer. Estas, por um lado, permitem-nos embasar "uma teoria puramente psicológica da histeria, onde assinalamos o primeiro lugar para os processos efetivos" (p.20); e, por outro, levam-nos a reconhecer que "num mesmo indivíduo são possíveis vários agrupamentos mentais que podem ficar mais ou menos independentes entre si, sem que um *nada saiba* do outro, e que podem se alternar entre si em sua emersão à consciência" (p.21).

A primeira conclusão se contrapõe àquelas idéias da época (e não tão daquela época) que afirmavam que a etiologia da histeria encontrava-se em alguma "afecção cerebral orgânica" (p.14). Freud sustenta que a doença deve-se ao fato do sujeito ter passado por "violentos abalos *emocionais*" (p.14). Estes, no caso de Anna, tiveram lugar durante o período no qual a jovem cuidou do pai doente. Assim foi que "traumas psíquicos" ou "resíduos de experiências emocionais" (p.17) acontecidas nesse momento passado determinavam os sintomas atuais ou perturbações psíquicas e físicas. Estas últimas deviam-se a um processo chamado de "conversão histérica" (p.20) que consistia numa transformação em "insólitas inversões e inervações somáticas" (p.20) dos afetos

surgidos na cena traumática. Ao contrário, uma outra porção considerável dos afetos, pensados como magnitudes deslocáveis ou "grandezas variáveis" (p.20) perdurava, em parte, como "carga contínua da vida psíquica e fonte permanente de excitação para a mesma" (p.20).

Nestas conceitualizações freudianas podemos, à simples vista, entrever a clássica pergunta da metafísica ocidental pela relação mente-corpo. Pergunta que adquire uma fisionomia nova nos estudos atuais de medicina psicossomática. Não obstante, quando nosso autor palestrava para seus ouvintes americanos não estava pensando numa espécie de conjunção somato-psíquica mas, muito pelo contrário, que o organismo funciona como sustento ou suporte da letra sintomática. Isto é, sobre o organismo que os médicos estudam se escreve/inscreve uma escrita hieroglífica que os psicanalistas decifram.

Este *trabalho de escrita* determina as singularidades dos fenômenos histéricos e coloca o médico na mesma situação que o profano já que "todo seu saber e todo seu preparo em anatomia, fisiologia e patologia deixam-no desamparado" (p.15). Isto acontece, precisamente, porque a maneira histérica de escrever transgride e perverte as leis da medicina. O organismo médico adquire uma fisionomia fantasmagórica como Freud o descrevera com relação a paciente de Breuer: Anna "tinha uma paralisia espástica de ambas as extremidades do lado direito, com anestesia, sintoma que se estendia por vezes aos membros do lado oposto; perturbações dos movimentos oculares e várias alterações da visão; dificuldade de manter a cabeça erguida; repugnância aos alimentos..." (p.14).

Assim, o organismo de Anna funcionava como suporte para a construção de mensagens que não faziam mais do que manter presente sua história passada (ou seja, o passado é, então, um passado-não-passado). Este fato leva Freud a afirmar, por um lado, que "os histéricos sofrem de reminiscências" (p.18) (que, na medida em que o passado não passou, não podem ser confundidas com as reminiscências platônicas) e, por outro, que para poder compreender as mensagens deve-se realizar uma tarefa de decifração. Esta trata de desentranhar o código perdido que funciona na combinatória dos "símbolos mnêmicos" (p.18).

No que diz respeito a estas idéias, Freud faz questão de assinalar as diferenças que mantem com Breuer: "nem sempre era um *único* acontecimento que deixava atrás de si os sintomas; para produzir tal efeito uniam-se na maioria dos casos numerosos traumas, às vezes análogos e repetidos" (p.17).

Acrescentamos, por último, que em virtude de ser a palavra o instrumento de intervenção deste tratamento singular, a jovem paciente de Breuer o chamou de "talking cure" (p.23).

A segunda conclusão se contrapõe diretamente ao conceito tradicional de sujeito agente centrado no *cogito*. Este é, precisamente, o ponto central da teoria psicanalítica que Freud tentava apresentar a seu auditório.

O pensamento cartesiano postula uma perfeita coincidência do sujeito consigo mesmo (ou seja, o centramento do sujeito sobre si mesmo). A proposição analítica "*cogito ergo sum*" afirma que o momento da *cogitatio* é congruente com o da consciência. Esta é, para Descartes, uma pura reflexividade: quando penso não faço outra coisa que constituir-me em objeto pensado. Precisamente, este momento absoluto é questionado pela experiência freudiana.

O sujeito freudiano está marcado por uma ruptura que diferencia instâncias tópicas (consciente, pre-consciente e inconsciente) e que, portanto, desce a subjetividade. O sujeito está subordinado a uma *outra cena* assim como essa senhora de uns quarenta anos que fora paciente de Freud. Com efeito, Freud nos diz nesta primeira conferência que essa mulher era objeto de uma força ou "contra...vontade" (p.18) que a condenava a ter um tic singular. Nesta oportunidade, Freud também afirma que a consciência não é uma pura reflexividade quando diz que a "doente de Breuer...em seu estado normal...ignorava totalmente as cenas patogênicas" tanto quanto a conexão com os sintomas (p.20). Entre as cenas patogênicas e os sintomas foi destruída a conexão pela qual os segundos aparecem como um "corpo...estranho...no estado normal" (p.21). Mais ainda, Freud, acrescenta: "Casos destes, também ocasionalmente, aparecem de forma espontânea, sendo então descritos como exemplos de *double conscience*. Quando nessa divisão da personalidade a consciência fica constantemente ligada a um desses dois estados, chama-se esse o estado mental *consciente* e o que dela permanece separado o *inconsciente*" (p.21).

Essa fenda ou hiato estrutural da subjetividade subverte a proposição cartesiana: em certo sentido, Freud estava dizendo a seus ouvintes americanos que *onde nos pensamos não somos*.

## ■ //

Na atualidade aceita-se, com certa facilidade, a afirmação freudiana da divisão do psiquismo em consciente e inconsciente. Talvez o público reunido

na Clark também passou a sustentá-la quando Freud acabara de ministrar sua primeira lição. Porém, nem por isso devemos nos apressar a tirar como conclusão que esses americanos do começo do século, bem como muitos de nossos contemporâneos, concordem com todas as conseqüências que implica em si mesma a peste que nosso autor, em virtude de sua viagem, dissera trazer para o Novo Mundo. Com efeito, nós temos sobre este ponto certas dúvidas pois, aceitar a existência de processos psíquicos inconscientes é condição necessária para comungar com a psicanálise, mas não é suficiente. Por sinal, Freud faz este mesmo esclarecimento logo no começo de sua segunda conferência.

Nosso conferencista começa, precisamente, assinalando as diferenças existentes entre ele, Janet, Charcot e Breuer embora todos concordassem sobre o fenômeno da "dissociação psíquica" (p.23).

Em primeiro lugar, entre Freud e Charcot media a afirmação deste último sobre a influência patológica de supostos traumas físicos. Em segundo lugar, entre Freud e Janet, a afirmação deste relativa à "alteração degenerativa do sistema nervoso" (p.23). E por último, entre Freud e Breuer interrompem-se considerações dissímeis sobre o fenômeno do hipnotismo.

Tínhamos afirmado que o trabalho com o hipnotismo ao tempo que aproximou também distanciou Freud de Breuer. O fato de que cada um deles acabasse tomando por rumos diferentes não só esteve relacionado com a imperícia anedótica de Freud para hipnotizar seus pacientes mas, fundamentalmente, porque nosso autor começou a "ver" a experiência breuriana a partir dos "olhos" de Bernheim. Com efeito, o médico de Nancy mostrou a Freud que seus pacientes, no estado normal, "só aparentemente perdiam a lembrança" (p.24); isso é, eles "sabiam" sobre as "cenas patogênicas olvidadas" (p.24) embora num primeiro momento afirmassem não ter a mínima idéia. Assim foi que se impôs a Freud a idéia de que "as recordações esquecidas não se haviam perdido" (p.25) e que podiam "ressurgir em associação com outros fatos ainda sabidos" (p.25) na medida em que se vencesse uma certa força que as obrigava a permanecer inconscientes. A essa força, nosso autor a chamou de resistência e pensou-a como o indício do acontecer de um outro processo que, no seu momento, expulsou da consciência certos acontecimentos; este último processo foi chamado *repressão* (p.25) (*verdrangung*).

A esta altura da história da psicanálise, Freud estava totalmente persuadido de que a divisão do psiquismo pode ser explicada "dinamicamente pelo conflito de forças mentais contrárias" (p.26); isto é,

ela é "resultado de uma luta ativa da parte dos dois agrupamentos psíquicos entre si" (p.26) (os conscientes e os inconscientes).

Assim, a teoria da repressão ou recalque que Freud elaborou, quando conseguiu tirar de seus olhos os restos do hipnotismo, possibilitou-lhe articular uma maneira psicanalítica de pensar "os processos psíquicos da histeria" (p.25). Operado esse movimento epistêmico, marcaram-se terminantemente as fronteiras entre a nascente psicanálise e todas as outras numerosas teorias (pré-freudianas) sobre a divisão do psiquismo. Por sinal, é precisamente essa fronteira - que só a ponte da teoria da repressão une e desune - a que muitos não estão dispostos a atravessar mesmo que aceitem facilmente o suposto sobre a divisão do psiquismo.

Nosso autor considera que esta nova maneira de "ler" os sintomas é decisória e, por conseguinte, esforça-se por ser didático perante seu público. Mais ainda, Freud sabe que se conseguir convencê-los disto, seus ouvintes terão em seu poder a chave para compreender as formações do inconsciente das quais lhes falará na terceira lição.

### ■ III

A formulação freudiana da teoria da repressão foi uma espécie de cerimônia de batismo para a psicanálise. O jovem Freud começa, em certa forma, a deduzir a partir dela um leque de afirmações que vão outorgar fisionomia definitiva à sua singular criatura. Com efeito, se o par repressão/resistência lhe possibilita pensar os sintomas como formações substitutivas do reprimido, então, começa logo a fazer sentido a seguinte pergunta: qual é a lógica que pode tornar inteligível esse processo de formação de sintomas?

A essa pergunta Freud dá resposta no curso desta terceira lição. Porém, antes de começar a analisá-la lembremos que essa questão pressupõe a convicção sobre a rigorosa sobre-determinação dos processos anímicos. Em outras palavras, Freud só pode perguntar-se pela lógica que descreve o processo de formação de sintomas uma vez que está convicto de que no psiquismo não há aleatoriedade. Por sinal, assinalemos que a tese da sobre-determinação é o nó da psicanálise na medida em que ela é a chave que coloca em andamento um jogo de perguntas e respostas que só tem sentido no interior de seus próprios limites paradigmáticos.

Freud no momento de suas *Lições na Clark* já sabia do papel central que tem a tese da sobre-de-

terminação. Logo, não poupa esforços para tentar persuadir seus ouvintes a esse respeito.

Assim, retomando as considerações que expus na lição anterior sobre os acontecimentos que marcaram a utilização, pela primeira vez, da *associação livre*, Freud vai levando, devagar, seu público até a resposta àquela pergunta inicial. Em primeiro lugar, preveniu-se das objeções que poderiam ser colocadas contra a tese do determinismo com a análise de um suposto contra-exemplo: "a aparente falta de idéias", manifestada em diversos momentos do tratamento pelos pacientes. Depois e pressupondo que conseguiu ganhar a partida contra as resistências de seu público para aceitar a tese de que as "idéias ao acaso" dos pacientes são o meio técnico idôneo para a descoberta do inconsciente, Freud começa a lhes falar a respeito dos sonhos e dos *atos falhos*. Tanto a interpretação de uns quanto a de outros são apresentadas ao público americano como vias de acesso às representações reprimidas ou inconscientes. As três técnicas têm em comum o fato de partir sempre daquilo que nos aparece, isto é, das idéias "espontâneas" e isoladas do paciente, a partir dos elementos segmentados do *sonho manifesto* e, por último, das bobagens da psicopatológica vida cotidiana. Em resumo, sempre se trata de dirigir a atenção para aquilo mais "tonto" e insignificante visto que a repressão, embora tenha apagado a ligação significativa (entre os acontecimentos, entre as idéias) aos olhos da consciência, não impede que a lembrança reprimida continue presente ("agindo") no inconsciente.

Desta forma, o fato de Freud dizer a seu público que as técnicas de interpretação vão em sentido contrário ao processo mesmo de formação dos produtos substitutos e que, em última instância, as três agem da mesma maneira, cria a atmosfera propícia para que os americanos aceitem também a tese psicanalítica que afirma a identidade dos processos psíquicos envolvidos. Logo, sustentada tal identidade, Freud está lhes dizendo que o inconsciente se caracteriza, precisamente, por sua universalidade estrutural. Assim, o inconsciente cifra suas mensagens na cotidianidade dos chistes e sonhos, bem como no interior da vida neurótica onde elas se apresentam mascaradas nos sintomas. A este respeito, Freud se expressa nestes termos: "... testemunham a existência da repressão e da substituição do mesmo na saúde perfeita" (p.36).

Pois bem, tratemos agora da resposta freudiana à pergunta acerca das leis do processo formador/deformador.

Freud a explica por ocasião de analisar a semelhança existente entre a elaboração dos sonhos e a dos sintomas neuróticos. Afirma que a operatória se

resume a dois processos psíquicos batizados de *condensação* e *deslocamento* (p.34). Estes são os responsáveis das impressões (as lembranças) do dia anterior estarem ligadas entre si conforme uma lógica estranha. A ligação aparente entre elas determina a fisionomia do sonho manifesto que, por sinal, não é outra coisa que uma "*realização* de um desejo *não-satisfeito*" (p.34) (observa-se que Freud opõe realização a satisfação; logo, o desejo realiza-se mas não se satisfaz). Justamente, entre as representações do complexo oculto entretecido pelo desejo e o conteúdo manifesto, intermedeia um trabalho de elaboração que *realiza* o desejo à medida que cifra a disposição das representações. O conteúdo manifesto do sonho não é uma composição pictórica que expressa analogicamente as idéias latentes mas o produto de uma legalidade formal que determina a combinatória ou disposição de suas representações. Desta forma, as imagens do sonho não podem ser analisadas em bloco como o fazem aqueles que lhe atribuem um valor profético. Freud é muito claro a este respeito: "Pondo de lado a aparente conexão dos elementos do sonho manifesto, procurarão os senhores evocar idéias por livre associação, partindo de cada um desses elementos e observando as regras de prática analítica" (p.34).

Essas idéias evocadas por associação são consideradas por Freud como estando rigorosamente determinadas e, portanto, na medida em que se encadeiam entre si, tornam perceptível a sintaxe do processo articulatório inconsciente. Este não tem um ponto de detenção definitivo já que sempre há alguma outra "idéia espontânea" que pode perder sua espontaneidade (ou liberdade) ao ser encadeada (associada a outra anterior). Por sinal, Freud desde que abandonara a idéia do trauma único estava "disposto a aceitar causas múltiplas para o mesmo efeito, enquanto nossa necessidade causal, que supomos inata, se satisfaz plenamente com uma única causa psíquica" (p.36).

#### ■ IV

Freud, nesses dias de 1909, tentava expor sintética, mas convincentemente, seus já quase 25 anos de estudo. Quando do início da quarta lição, Freud já havia exposto a seu auditório uma boa parte de suas criaturas novedosas. Assim, havia falado a seu público americano da universalidade estrutural do inconsciente, da formação de sintomas, da histeria, da interpretação dos sonhos e do desejo. Talvez, de todas estas idéias freudianas, a mais esquisita e maluca para os ouvidos americanos foi esta última.

Isto não poderia ter sido de outro modo pois os outros termos ou noções comportam, em certa medida, significações mais ou menos familiares (embora o mérito freudiano tenha sido, precisamente, desconstruir essas noções comuns). No entanto, a idéia de um desejo sempre insatisfeito e reprimido que se realiza sem parar, sob a máscara das formações do inconsciente, resume em si mesma o inconfundível caráter revolucionário da psicanálise no contexto das teorias psicológicas.

Ciente disso, Freud decide ocupar sua quarta lição na elucidação da natureza sexual do desejo de modo que não restem dúvidas do traço distintivo que caracteriza a psicanálise. Isto comportava apresentar ao público outras criaturas tipicamente freudianas: as noções de libido e de pulsão (*trieb*) (na edição brasileira é traduzido de forma incorreta por *instinto*). Assim, nosso palestrante, apresentando estes três termos complementários entre si (desejo, libido e pulsão) delimitava o *campo do psíquico que constitui o terreno da prática e da teoria da psicanálise*. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que como esses termos definem a "sexualidade freudiana", então, Freud estava dizendo a seus ouvintes americanos que o campo da psicanálise se constitui como uma reflexão sobre "A" sexualidade.

Pois bem, esta quarta lição, que bem poderia intitular-se "uma reflexão freudiana sobre A sexualidade para americanos", mostra-nos às claras que as idéias de Freud acerca da sexualidade estão longe de constituir uma reflexão à moda americana.

O que queremos dizer com isto? Por um lado, queremos remarcar aquilo que o próprio Freud deixou entrever a seu público quando comentara o estudo do Dr. Bell: o método de reflexão freudiano não se parece com essas empresas americanas de observação infatigável de fatos sexuais. Muito pelo contrário, Freud constrói sua teoria sexual sem "observar" (de certa forma, da mesma maneira como as crianças constroem as suas próprias e infantis teorias na medida em que elas não "vêm" a diferença anatômica); ele a constrói à medida que inventa termos teóricos que visam tanto instituir coordenadas para escuta clínica quanto resolver as aporias que derivam do mesmo trabalho de montagem teórica. Por outro lado, queremos ressaltar que a reflexão freudiana sobre a sexualidade uma vez que não se confunde com esses conhecidos manuais de sexualidade, escritos com inconfundível espírito americano, nosso autor não é um sexólogo mais.

Mas, como isto pode ser possível? Ou seja, como é possível que Freud que fala sobre sexualidade não seja um teórico que saiba sobre as questões sexuais tal como sabe um sexólogo? A resposta a esta per-

gunta articula, precisamente, a quarta lição pois está destinada a persuadir seu público de que *em estritos termos psicanalíticos não há saber sobre o sexo*. Porém, é muito comum supor o contrário, isto é, supõe-se que há um saber sobre "A" sexualidade. Este saber seria de ordem biológica e estaria encarnado no instinto que leva o organismo a procurar seus objetos naturais de satisfação.

Pois bem, se as coisas são colocadas deste modo, então, as perversões são desvios ou aberrações que sofre uma conduta padrão. Complementariamente a esta idéia, também se costuma sustentar esta outra: a cultura é a responsável por perverter esse percurso natural. Para tranquilidade de muitos espíritos assim mesmo isto deve ser, pois, é necessário manter honrosa a idéia de uma infância pura.

No entanto, a reflexão freudiana subverte toda esta certeza evidente. As perversões não são consideradas um desvio ulterior de uma conduta padrão dada desde a infância, mas uma inibição no "desenvolvimento" da caótica sexualidade infantil. Assim, nesta espécie de sexualidade-sem-sexo dos menores, germinam "o nada raro infantilismo geral da vida sexual" dos adultos (p.43). Mais ainda, Freud assinala que também é necessário ter em mente que "nas perversões evidenciam-se... os mesmo componentes instintivos (leia-se pulsionais) que mantêm os complexos e são formadores de sintomas; mas aqui eles agem do inconsciente, onde puderam firmar-se apesar da repressão sofrida" (p.43). Desta forma, as neuroses e as perversões (Freud afirma que as primeiras são o negativo das segundas) são consideradas rodeios particulares que a libido faz, na sua empresa de cercar objetos para além da normatividade biológica da espécie. Neste sentido, acrescentemos que o único que está determinado é a diferença sexual anatômica (e claro está, sua complementaridade em prol da sobrevivência da espécie) uma vez que a identidade sexual ou a escolha de objeto é mera possibilidade.

Contudo, precisemos um pouco mais estas idéias freudianas. E isto pelo seguinte: ainda nesta altura do raciocínio se poderia pensar que o "desenvolvimento" que comporta a sexualidade admite estar regido por leis necessárias e apodíticas ou, em outras palavras, que o processo de desenvolvimento encarna em si mesmo algum saber natural. A este respeito, Freud afirma: "Esta vida sexual infantil desordenada, rica mas dissociada, ...experimenta uma condensação e organização em duas principais direções, de tal modo que ao fim da puberdade o caráter sexual definitivo está completamente formado... *Mas nem todos* os componentes pulsionais originários são admitidos a tomar parte nesta fixação definitiva da

vida sexual" (p.42). Isto é, as pulsões jamais se fundem completamente numa resultante tida como normal: sempre fica um resto, um *plus*.

O resto pulsional se comporta de uma forma perversa, pois seu caráter errante escapa, precisamente, a todo saber preditivo próprio de qualquer lei clássica. Desta forma, o "desenvolvimento" da sexualidade está longe de aparecer-nos como um suceder regulado pela sabedoria da natureza.

Entretanto, devemos esclarecer que com esta afirmação Freud não queria dizer que a sexualidade se resume a um mero caos. Se assim fosse, nosso autor estaria cometendo o mesmo erro, mas em sentido oposto, das ideologias naturalistas-vitalistas. Ao contrário, Freud professa um certo artificialismo que o leva a afirmar que o sexual está regrado, isto é, que não é um mero caos, por uma lei um pouco *sui generis*. Esta lei é a lei o desejo (a outra cara da lei do significante) que enquanto ignorante das leis naturais que cuidam da sobrevivência da espécie, comanda às cegas a pulsão.

Pois bem, da sexualidade pensada nestes termos nos fica, no final das contas, uma imagem um tanto confusa ou, em outras palavras, que há um certo grau de desordem que lhe é inerente; talvez desordem comparável com aquela que as crianças sabem deixar depois de usufruir de um baú saturado de brinquedos. Por sinal, disto se trata, não sendo ingênua nossa comparação: Freud fala da "vida sexual infantil desordenada" (p.42). E, precisamente, dessa desordem infantil que os adultos - "a maioria dos homens, observadores médicos e outros" (p.41) - nada querem saber. Por quê? Ou mais ainda: o que é inerente à vida sexual das crianças e aos *infantilismos dos adultos* (em suma, o que é inerente à própria sexualidade) que deles nada se quer saber?

Esta quarta lição pretende dar resposta a essa pergunta: aquilo que na sexualidade se recalca é o fato de que não comporta em si mesma nenhum saber. Freud endereça seus argumentos nesta direção. Porém, não é seguro que todos os americanos que estavam lhe ouvindo acabassem compartilhando semelhante conclusão pois, como diz Oscar Masotta, o sujeito "nada quer saber sobre o fato de que não pode saber que não existe saber sobre o sexual" (1988:26).

## ■ V

Podemos afirmar que, quando do início da quinta lição, Freud já havia desmascarado devidamente na frente de seus ouvintes a "plasticidade dos componentes sexuais" (p.50). De certa forma, até então,

havia feito aquilo mesmo que estava tentando explicar a seu público a respeito da direção da cura: levar o paciente a debruçar-se com o seu desejo. Porém, agora devia lhes contar o final da história, isto é, ainda restava explicar quais, em certo sentido, seriam os destinos dos "desejos inconscientes libertados (desmascarados) pela psicanálise" (p.49). Assim, nesta ocasião torna público dois novos termos teóricos: transferência e sublimação. Estes termos não só se relacionam entre si ao nível da própria teoria, mas também no interior do imaginário cotidiano: supõe-se, por um lado, que o fenômeno transferencial se restringe à situação analítica e, por outro, que a sublimação poderia se converter num novo e requintado objetivo de uma pedagogia mais cientificamente humana.

Freud é claro e terminante a esse respeito. Primeiro, fala aos americanos sobre a *transferência*. Diz: "A transferência surge espontaneamente em todas as relações humanas e de igual modo nas que o doente entretém com o médico; é ela, em geral, o verdadeiro veículo da ação terapêutica" (p.48) pois os sintomas "só na elevada temperatura da transferência podem dissolver-se e transformar-se em outros produtos psíquicos" (p.48).

Pois bem, por que a transferência é condição necessária para o trabalho analítico dos sintomas? Porque as "forças instintivas sexuais da neurose" (p.47) são as mesmas que dão suporte ao fenômeno da transferência. E isto é assim uma vez que a própria transferência consiste na consagração ao analista de "uma série de sentimentos... não justificados em relações reais e que, pelas suas particularidades, devem provir de antigas fantasias tornadas inconscientes" (p.47). Em outras palavras, dando uma definição categórica, pode-se afirmar que a transferência "é a atualização da realidade do inconsciente" (Lacan, 1985:130). Assim, por um lado, a transferência *está aí*, está entre o analista e o paciente (ou mais ainda, ambos estão na transferência) e, por outro, o primeiro "dela se apossa a fim de encaminhá-la ao termo desejado" (p.48). Esta operação para tornar-se uma condição suficiente da dissolução dos sintomas deve acompanhar àquela outra que tende a elevar a temperatura do fenômeno transferencial. Porém, para que isto aconteça o analista deve reconhecê-la e esperar, resguardado no silêncio, o fracasso da repressão, pois se decide, pelo contrário, enfrentá-la de nada adiantará mesmo que se esgrima o consabido princípio de realidade. Mais ainda, poder-ser-ia afirmar que se se trata de argüir a favor de alguma realidade, aquele que em melhores condições se encontra de fazê-lo é o próprio paciente. Isto não poderia ser de outro modo uma vez

que ele defende uma justa causa: a defesa do direito de usufruir o gozo ou benefício do sintoma. Estas conclusões não devem ter surpreendido os ouvintes americanos na medida em que, logo no começo, Freud já afirmara: o sujeito "se desprende da realidade, recolhendo-se aonde pode gozar, isto é, ao seu mundo de fantasia, cujo conteúdo, no caso de moléstia, se transforma em sintoma" (p.47).

Assim, temos que o sintoma apresenta duas caras: a do prazer e a da dor. Isto é, o sintoma não é mais do que um gozo menor e substituto, produto de uma estratégia de refúgio para se evitar uma insatisfação maior. Ressaltemos, por sinal, que a satisfação maior que o sintoma pode comportar não é "A" satisfação mas só uma parte da satisfação, portanto ele não deixa de ser, no final das contas, também uma insatisfação.

Pois bem, por que o neurótico, em certo sentido, conforma-se com tão pouco? ou seja, por que se contenta com uma (in)satisfação menor? poderiam estar se perguntando alguns dos presentes na *Clark*. Nosso palestrante, à sua maneira, responde: "achamos a realidade de todo insatisfatória" visto que o aparelho psíquico padece de uma "ausência de adaptação interna" (p.46).

Mas que coisa mais esquisita Freud está dizendo? Ele não está afirmando outra coisa que esta: a realidade só pode ser vivida, experimentada, necessariamente como insatisfatória. O princípio de realidade apenas nos diz que o objeto que encontramos circunstancialmente não é aquele procurado (aquele batizado por Freud no *Projeto* como *Das Ding*). Este, puro ser fantasmagórico, leva consigo a chave "dA" Satisfação. Assim, o falante (*Lacan*: parlêtre) representa a opereta da sua busca abrigando a íntima esperança de não encontrar-se cara a cara com ela pois não suportaria ver seu rosto sinistro. A Satisfação só pode ser entrevista por causa de uma "ausência de adaptação interna" do aparelho psíquico (p.46).

Pois bem, ordenando um pouco nossas idéias e o texto mesmo de Freud, resumamos: "A" Satisfação do desejo inconsciente não só é impossível como também evitada, pois se consumasse acabaria, paradoxalmente, fazendo-o como uma categórica e mortal insatisfação. Por conseguinte, o neurótico se contenta (se satisfaz) só com (na) realização do desejo. Realização ou articulação do desejo que tenta domesticar o *mal-estar na civilização*. Justamente, é a respeito deste destino do desejo que Freud fala aos americanos quando explica em quê consiste a sublimação.

Freud diz que a *sublimação* é um dos destinos possíveis para os "desejos inconscientes libertados

pela psicanálise" (p.49). Os outros dois seriam a *condenação* e a *satisfação direta* (p.50).

A condenação tem lugar quando os desejos "são anulados pela ação mental, bem conduzida, dos melhores sentimentos contrários" (p.49). Isto é, graças à condenação (ao dizer não), o paciente se dá tempo como o desejo o faz, exatamente, no sonho pois, ao passo que neste articula-se, mediatiza e demora sua própria satisfação.

Já em relação ao último destino possível, Freud afirma: "*Certa parte* dos desejos libidinais reprimidos faz jus à satisfação direta e deve alcançá-la na vida" (p.50). Como vemos, ela também não passa de ser, em última instância, uma satisfação parcial de uma parte do corpo. A satisfação Total, como temos afirmado, é impossível e este é o preço que o *parlêtre* paga por sua dita normalidade. Porém, ao passo que este último consiste em atingir parcialmente o fim, a sublimação constitui (para decepção de todos) uma satisfação que diretamente não chega a seu fim. Esta "faculdade..." que a pulsão tem "de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social" (p.50) obedece ao fato de que no falante o *fim* e a *satisfação* estão cindidos. Desta forma, a sublimação, ou seja, este se pôr a fazer outras coisas sempre outras, desloca na "normalidade" a exclusividade que, outrora na "doença", detinha a repressão para refrear "A" satisfação (chamada de Gozo Outro por Lacan).

As empresas que o sujeito empreende na "normalidade" de sua psicopatológica vida cotidiana sublimam a pulsão e afastam o sujeito do Gozo uma vez que põem a funcionar a fantasia. Em outras palavras, a "vida de fantasia" (p.46) põe em marcha as empresas humanas mais ou menos fantásticas no interior das quais o desejo se realiza.

### Bibliografia

1. LAJONQUIÈRE, L. - *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*, Petrópolis, Vozes, 1993.
2. FREUD, S. - Cinco lições de psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. XI*, Rio Janeiro, Imago Editora, 1970.
3. LACAN, J. - *Seminário XI*, Rio Janeiro, Zahar Editor, 1985.
4. CORSO, D. et al - A propósito do texto de A. Freud. In: *Boletim da APPOA*, ano III, 7, 1992.
5. MANNONI, M. - *La Primera Entrevista com el Psicoanalista*, Buenos Aires, Gedisa, 1982.
6. MASSOTA, O. - *O Comprovante da Falta*, Campinas, Papirus, 1988.
7. MILLOT, C. - *Freud Anti-Pedagogo*, Rio Janeiro, Zahar Editor, 1992.